Agroecologizando territórios: formação em agroecologia e educação do campo

Agroecologizing territories: training in agroecology and rural education

ANTUNES, Gabriella Marília[1]; FRANCISCO, Alan Marx; LOPES, Keila Cássia Santos Araújo; LOPES, Paulo Rogério; SILVA, Samara de Matos; MOTA, Gabriela Almeida; MARTINS, Kauane Gabriele; JANTALIA, Eduardo Kobylansky; MORGAN, Lunamar Cristina; FREITAS, Fátima Abgail Oliveira de; KELLERMANN, Renata Soares; JUSTUS, Vinícius Britto; SANTOS, Gisele Aparecida Soares dos; KOCH, Helena Beltrão.[2]

1. oiaasprantinha@gmail.com; 2. Integrantes do Projeto Tecendo saberes socioambientais com educadoras do campo, das ilhas, das cidades e das florestas (UFPR Litoral).

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Educação e Agroecologia

Resumo: O referido artigo tem como objetivo apresentar uma articulação territorial em educação do campo, bem como a organização e o desenvolvimento do curso de extensão em Educação e Agroecologia: tecendo saberes com educadoras(es) do campo, das ilhas, das florestas e agentes de desenvolvimento local ofertado pela Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral) e Universidade do Estado de Minas Gerais (Carangola-MG). O curso foi ministrado na pedagogia da alternância, sendo cinco encontros semipresenciais (tempo escola), os quais foram norteadores para os trabalhos do tempo comunidade. As metodologias participativas, com enfoque no mapeamento de quintais produtivos, os conceitos, métodos, experiências e práticas da Agroecologia e Educação do Campo também foram abordados ao longo do curso. Salienta-se que essa abordagem possibilitou processos de formação, reflexão, sensibilização e articulação territorial, bem como o fortalecimento da extensão universitária.
Palavras-chave: metodologias participativas; problematização; sistematização; escolas do campo; extensão universitária.

Introdução

A proposta do curso de extensão emerge do olhar atento dos educadores e discentes envolvidos em projetos de pesquisa e extensão e nos Núcleos de Estudos em Agroecologia Juçara (UFPR/Setor Litoral) e Núcleo de Estudos em Agroecologia Jequitibá Rosa (UEMG/Carangola). Nas visitas de campo, por meio dos módulos oferecidos no curso de Tecnologia em Agroecologia (UFPR), foi observada a ausência de materiais e envolvimento no que tange à abordagem de uma perspectiva agroecológica, tendo como base a educação do campo para o campo.

Em face a essa realidade, acredita-se que a aproximação de educadoras(es) e agentes que atuam no desenvolvimento local com as atividades desenvolvidas no curso possam contribuir com o diálogo e propostas para uma transição agroecológica que perpassa pela educação do campo. A Agroecologia, para Toledo (2016), é considerada para além de uma ciência, mas também movimento e prática

que proporciona o diálogo dos saberes e a mudança de paradigmas. O curso abrange essa dialogicidade no aporte da construção entre diferentes áreas do conhecimento e com um público que atua em diversas esferas na busca do fortalecimento e na inter-relação entre Agroecologia e Educação do Campo. A educação do campo, por sua vez, é fruto da luta dos movimentos em prol de atender as trabalhadoras e trabalhadores do campo de acordo com suas temporalidades e modos de vida (CALDART, 2012).

Nessa perspectiva de atendimento às demandas de educadoras(es) e agentes de desenvolvimento local, o curso ocorreu na modalidade da Pedagogia da Alternância, organizado em encontros semipresenciais (tempo-escola) e atividades práticas presenciais (tempo-comunidade) realizadas pelos educandos em suas localidades. Possibilitando, dessa maneira, a participação de educadores do campo, das águas e das florestas, uma vez que “a Pedagogia da Alternância vem sendo discutida de modo amplo como uma realização educacional solidária aos povos camponeses.” (CRUZ, 2022, p. 153). Gestada nos movimentos sociais campesinos e considerada como parte da luta pela terra, também se apresenta como

> uma resistência ao projeto de sociedade capitalista, próprio da visão liberal. Ou seja, a Pedagogia da Alternância se movimenta em direção a uma concepção de campo na qual seus territórios sejam tomados como espaços de vida digna, de produção de cultura, trabalho e conhecimento próprios (RIBEIRO, 2008 apud CRUZ, 2022, p. 154).

A primeira edição do curso Educação e Agroecologia, realizada em 2019, surgiu para compor uma relação mais próxima da práxis agroecológica e sua relação com a Educação do Campo. Foram trabalhadas a construção e o uso de metodologias participativas, realização de diagnósticos socioambientais participativos, problematização das realidades locais, desenvolvimento de projetos, planejamentos, ações, sistematização e avaliação contínua dos processos.

A segunda edição ocorreu em 2022 em meio a um contexto sociopolítico e econômico de muitos retrocessos. Daí a urgência de se pensar novos modelos de sociedade que possam superar a fome e a destruição ambiental. Dessa forma, o curso teve o objetivo central de contribuir com a formação de educadoras e potencializar processos de transição agroecológica nos respectivos territórios dos participantes. Entendendo que uma transição agroecológica não passa somente pela substituição de insumos químicos por insumos biológicos, mas por uma transformação cultural e social de valores e práticas tanto no campo como também na cidade.

Metodologia

No primeiro encontro ocorreu a apresentação de educadores e participantes, bem como um diálogo e contextualização sócio-política e econômica atual, um momento de grandes desafios no que se refere à segurança e soberania alimentar. Foi pedido aos participantes que destacassem uma palavra geradora a partir do tema do curso

e suas expectativas pessoais. Também foram incentivados(as) a fazer sistematizações acerca dos diálogos que ocorreram no encontro, as quais foram compartilhadas ao final da manhã.

O segundo encontro consistiu num trabalho voltado às metodologias participativas e ferramentas de diagnóstico rural no intuito de contribuir com práticas educadoras futuras das e dos participantes. Foram dialogadas as metodologias: FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças); Árvore de Problemas (em que raízes, caule e copa são, respectivamente, as causas de um problema, o problema em si, e as suas consequências); Oficina do Futuro (Sonho, Problema, Potencialidade e Proposta); além da facilitação gráfica (Figura 1).

Foram apresentadas as linhas gerais de um diagnóstico de quintais produtivos. Primeiro, a dimensão social: quem cuida e se beneficia do quintal; na sequência, a dimensão ambiental: identificação das plantas e árvores que compõem o quintal, sua espessura, altura e função, análise do solo, para descobrir suas necessidades, e identificação da fauna que circula pelo local; e, por fim, a dimensão econômica: o que é produzido e o que é comercializado.

A produção de alimentos saudáveis e as práticas agroecológicas relativas ao preparo do solo para plantio foram os temas do terceiro encontro. Quem aprofundou a questão do solo como uma rede de organismos vivos foi a convidada Iara Maria Lopes Rangel. Os professores mediadores do curso, Paulo Rogério Lopes e Keila Cássia Santos Araújo Lopes, também tiveram papel importante trazendo uma proposta de dinâmica para a interação entre os estudantes e o solo. Os participantes foram instigados a interagir com seu entorno, coletando uma amostra de solo no próprio quintal, em locais públicos como praças e terrenos da vizinhança, ou até mesmo em vasos de plantas.

O quarto encontro abordou o conhecimento agroecológico que vem sendo construído por meio de pesquisas, experiências e projetos de Agroecologia. Os exemplos práticos foram trazidos por quatro convidados: Ana Cecília Romano de Mello (UFPR Litoral) abordou a etnobiologia no ensino de ciências, demonstrando a importância de uma alfabetização científica, da valorização dos conhecimentos populares e do combate ao negacionismo científico. Gabriela Bica (UFPR Litoral) trouxe a experiência do projeto de extensão *Agroecologia nas escolas públicas*, executado no litoral paranaense, com sua perspectiva de educar na natureza, "desemparedando" a infância e a escola como um todo. Alessandra Jardim (UFRPE) mostrou os resultados de sua pesquisa de doutorado sobre hábitos alimentares, soberania alimentar, plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e as mudanças de paradigma no curso da história colonial de Ilhéus, no estado da Bahia. Flávio Gândara (USP) nos apresentou um mapeamento de experiências de sistemas agroflorestais urbanos, por meio de um inventário de quintais feito na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo.

No quinto e último encontro foi feita uma retrospectiva do curso ao longo dos meses

e um diálogo sobre as perspectivas, expectativas e impactos para cada uma e cada um. Foi utilizada a metodologia “Que bom! Que pena! Que tal?”, em que são abordados as qualidades do processo, seus percalços e as propostas para o futuro ou para a solução de problemas.

Também foi apresentada a memória do curso, por meio de vídeo e de uma reunião de todas as místicas propostas na abertura de cada encontro. Por fim, foi exposta a proposta de trabalho final para o tempo-comunidade, que consistia no mapeamento de três quintais produtivos, urbanos ou rurais. Cada participante deveria fazer um diagnóstico com informações técnicas, históricas e afetivas do quintal escolhido. Os estudantes deveriam entrevistar três pessoas guardiãs de quintais produtivos para estabelecer relações entre diferentes realidades. Este trabalho consistia em um dos requisitos para a conclusão do referido curso de extensão.

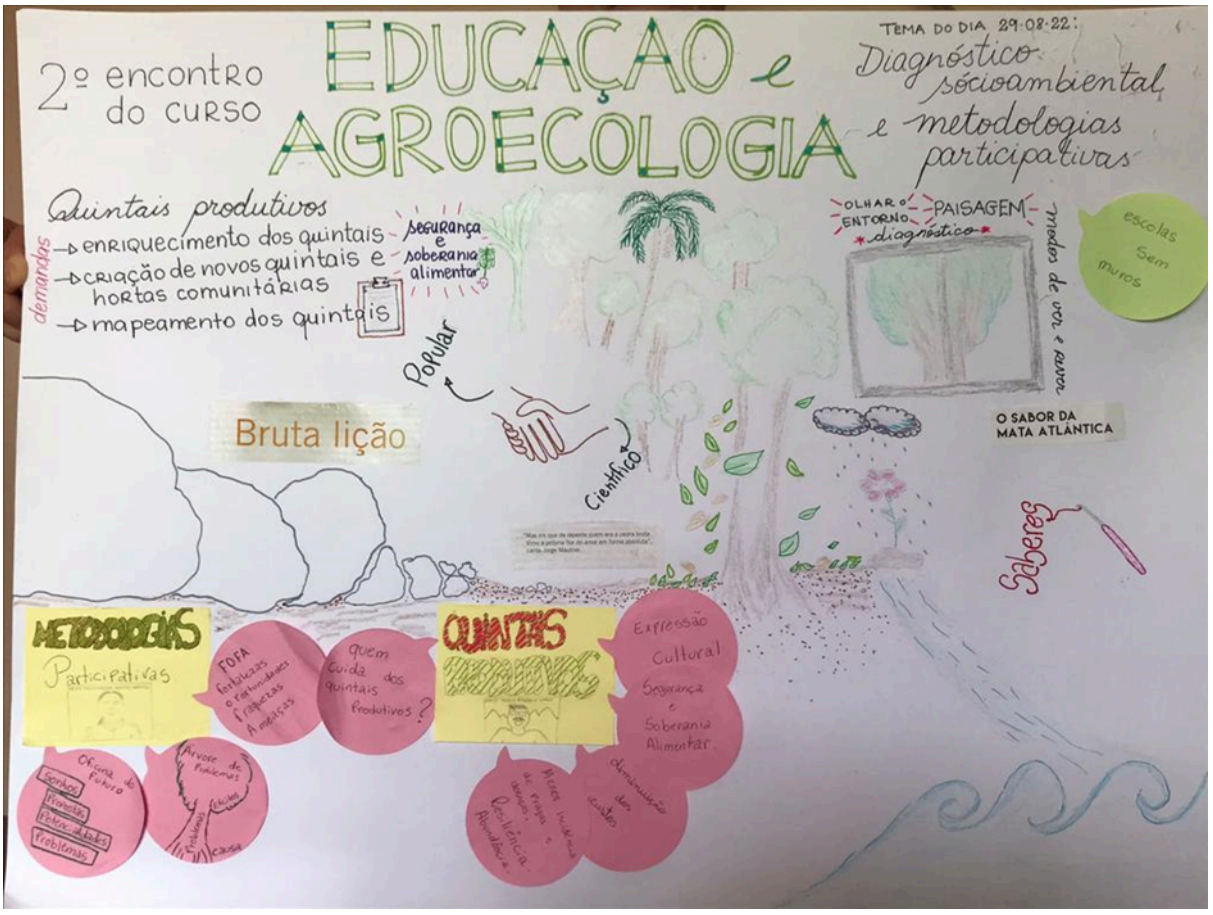

Figura 1: Facilitação gráfica, uma das metodologias apresentadas e utilizada no segundo encontro

Resultados e Discussão

A pertinência da disseminação da Agroecologia por meio da educação está na sua fundamentação enquanto ciência, movimento e prática. Sua validade e sua atuação

se dão no contexto das lutas pela terra e por condições dignas de alimentação, trabalho e moradia. A integralidade da perspectiva agroecológica possibilita a transformação da sociedade em seus distintos pilares de sustentação.

Pensando no cotidiano escolar atarefado dos educadores, o trabalho final pedido para obtenção da certificação foi estruturado por meio de formulário virtual. A ocorrência de alguns problemas técnicos com o formulário, trouxeram a reflexão sobre essa escolha e suas limitações. Também, o simples e direto levantamento de dados via preenchimento de questionário nos forneceu uma resposta mais quantitativa do que qualitativa. Ali não se registraram as impressões, os afetos, as cores e os sons dos quintais, nem dos entrevistadores/as, nem das guardiãs e guardiões dos quintais. O georreferenciamento pedido aos estudantes pode ser um dado relevante para análises posteriores.

No entanto, acreditamos que a atividade proporcionou ampla troca de saberes, levantando a importância que os quintais exercem no cotidiano das pessoas, seja no âmbito da cultura, da segurança e soberania alimentar ou na conservação da socioagrobiodiversidade. Este trabalho objetivava despertar o interesse e conhecimento sobre o seu entorno. Acreditava-se que conhecer os quintais produtivos possibilitaria entender a dinâmica familiar, produtiva e afetiva no cultivo da diversidade de plantas, quais sejam, ornamentais, medicinais, alimentares, condimentares, etc. Também despertar o olhar para a qualidade de vida e promoção de saúde e bem-estar, além dos serviços ambientais e ecossistêmicos que esse tipo de espaço propicia.

Por fim, no planejamento da próxima edição, propor um encontro final com uma breve socialização sobre a experiência do tempo-comunidade de cada educando pode nos gerar além de ótimas reflexões uma avaliação mais palpável da construção do conhecimento agroecológico.

Conclusões

Com a ideia de fomentar a Educação do Campo, como uma ferramenta de luta necessária aos povos e ao desenvolvimento da Agroecologia rumo a uma sociedade que supere o capital e o neoliberalismo, o curso pretendia ser uma mostra viva das metodologias que preconizavam. Processos e dinâmicas vinculadas a diagnósticos participativos, problematização das realidades locais, sistematizações, aproveitamento do entorno para o ensino “desemparedado”, metodologias participativas, bem como a adoção da pedagogia da alternância possibilitaram uma estrutura e abordagem do curso que se mesclavam para um processo formativo dinâmico, crítico, propositivo e leve. Dessa forma, o curso foi um aprendizado tanto para os estudantes quanto para os mediadores, que puderam exercitar a sistematização: as facilitações gráficas, as relatorias, o registro fotográfico e a mística, por exemplo.

Baptista da Costa *et al.* (2015, p. 74), fazendo referência aos avanços do ensino

formal em Agroecologia, avalia como inovadora e relevante a formação dessas iniciativas. Considerando a formação de um profissional com domínio de um referencial teórico e analítico abrangente cujos objetivos, na esfera educacional, sejam a evolução do pensamento e do conhecimento científico, em resposta aos anseios e necessidades da sociedade por modos de vida sustentáveis.

O curso buscou a construção de novos conhecimentos e experiências atreladas à Agroecologia e à Educação do campo, Educação Popular e Educação Ambiental Crítica. Essa perspectiva se apresentava no enfoque científico dado a estes temas, uma vez que propunha compor uma estrutura (técnico-científico ou metodológica) para impulsionar processos de transição na sociedade para o estabelecimento de um desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL e COSTABEBER, 2004, p. 7).
Por fim, há, ainda, espaço para o desenvolvimento e aprimoramento de suas próximas edições e consolidação de uma formação continuada em Agroecologia e Educação do Campo no âmbito da extensão universitária. É, inclusive, uma necessidade e urgência que se apresenta na atual conjuntura de criminalização dos movimentos sociais.

Referências bibliográficas

BAPTISTA DA COSTA, M. B. SOUZA, M. JÚNIOR, V. M. CARMIN, J. J. LOVATO, P. E. **Agroecologia no Brasil:** 1970 a 2015. In: 1º SEMANA DE AGROECOLOGIA DA UFSCAR, 2011, Sorocaba. Agroecologia 10, 2015, p. 63-75.
CRUZ, Fernando Vieira da. Pedagogia da Alternância: Articulando saberes na Educação do Campo. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 9, n. 14, jul. 2022. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5884 Acesso em: 30/05/2023.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; FRIGOTTO, G. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, F. R. e COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios.** Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

TOLEDO, Victor. A Agroecologia é uma revolução epistemológica. Entrevista concedida a Diana Quiroz. **Agriculturas**. v. 13, n. 1, março, 2016. Disponível em: https://aspta.redelivre.org.br/files/2019/09/V13N1_Artigo-7-Entrevista-Victor-MToledo.pdf Acesso em: 12/06/2023.